

DARANDINA: RAZÕES E DESRAZÕES DO DELÍRIO DE UMA MENTE INSANA

Rosalina Albuquerque Henrique (UFPA)

RESUMO: Esta comunicação possui como objeto de análise a narrativa “Darandina”, do livro *Primeira Estórias* (1962), de João Guimarães Rosa, levando-se em conta aspectos temático-estruturais e o modo de apreensão do mundo e da vida, por meio da loucura. “Darandina” é uma narrativa que relata a história de um sujeito que rouba uma caneta e é surpreendido quando escala uma palmeira, resistindo a qualquer tentativa de ser retirado de lá, há uma irrupção de loucura por parte do sujeito que, no topo da palmeira, inicia um discurso filosófico. Portanto, o discurso do personagem principal revela-nos uma expressiva desconstrução da razão por meio da desconstrução da linguagem. Tendo em vista que os recursos literários metafóricos são evidências fortes, que estudadas pela ótica da psicanálise estimula à reflexão sobre a verdade evidente versus verdade representada. Ao que parece, segundo Eduardo Coutinho (1994), Guimarães Rosa executa verdadeira desconstrução do discurso hegemônico da lógica ocidental, lançando-se na busca de terceiras possibilidades.

Palavras-chave: Darandina. Psicanálise. Loucura.

O cérebro de que você fala, uma vez que é sensível, existe apenas na mente. Eu gostaria de saber se você considera razoável supor que uma ideia ou coisa existente na mente ocasiona todas as outras ideias e, se você pensa assim, como surgiu a própria ideia de cérebro? (BERKELEY, *Three Dialogues between Hyla and Philonous*).

O conto “Darandina” faz parte das 21 narrativas do livro *Primeira Estórias*, escrito por Guimarães Rosa, no ano de 1962, e sua leitura levou-nos a possíveis relações entre psicanálise e arte, especialmente, à literatura. O que estabelecem uma interface das mais ricas para se pensar não apenas em torno da linguagem, mas sobre tudo o que essa linguagem pode revelar do inconsciente do sujeito, sua dinâmica, seus limites e possibilidades, ou seja, seus extremos na dor e no êxtase.

Ricardo Pligia, em *Formas Breves* (2004, p. 94), define o conto como sendo uma narrativa que revela duas histórias, uma que é aparente e uma que é secreta. Este

gênero literário é minuciosamente calculado pelo escritor para “revelar artificialmente algo que estava oculto. Reproduz a busca sempre renovada de uma experiência única que nos permite ver, sob a superfície opaca da vida, uma verdade secreta”.

Nessa direção, temos em “Darandina” a desconstrução da razão por meio da desconstrução da linguagem, tendo em vista que os recursos literários são evidências fortes que estimula à reflexão sobre a verdade evidente *versus* verdade representada. Pois, a loucura do personagem darandina faz com que o leitor, o narrador e os personagens secundários descubram o desconhecido que estava sendo oprimido pelo eu-sujeito por meio da manifestação da liberdade graças à irrupção da loucura. Mas, ao que parece, segundo Eduardo Coutinho (1994), Guimarães Rosa executa uma verdadeira desconstrução do discurso hegemônico da lógica ocidental quando se lança na busca de terceiras possibilidades.

“Darandina” desenvolve um juízo de apreensão do mundo pela perspectiva de um louco. A história se passa em uma cidade estruturada, que em torno de uma praça há um Instituto, um manicômio, do qual um homem sai correndo em direção a um chofer e rouba-lhe a sua caneta-tinteiro, e, sendo surpreendido decidiu fugir, abrigando-se no topo de uma palmeira, onde inicia um discurso filosófico, confuso e desconectado com a realidade. Formar-se uma multidão que acompanha e testemunha os esforços das autoridades que buscam convencer o sujeito a descer de uma palmeira-real.

O topo da palmeira em que o personagem se encontra é ironicamente designado como o *páramo empíreo* (morada dos deuses, dos bem-aventurados), enquanto os espectadores ficam “detidos, aqui em nível térreo, ante a infinita palmeira — muralhavaz” (ROSA, 1962, p. 137). O cimo de uma árvore é um lugar perigoso e maravilhoso, que causa horror e admiração o desprezo do sujeito enlouquecido ante o perigo de cair a qualquer momento. É um portentoso fato que, segundo o narrador, pertence ao *mundo dos mitos*. “A autonomia pessoal cede lugar à entidade mitológica, à prepotência da natureza (animal) espelhada na força do instinto ou, ainda, às inevitáveis imposições das contingências corporais da vida humana” (PESSOTTI, 1995, p. 79).

Cabe evidenciarmos que a história é narrada por um dos médicos que estava de plantão no instituto de saúde mental. No decorrer dos acontecimentos, vê-se envolvido

pelas concepções difundidas pelo homem ensandecido, bem como a população que testemunha a falta de sanidade deste, e, ao observar o comportamento do personagem, identifica as várias faces do ser humano sob as quais se esconde a sua essência — enquanto sujeito social, gerenciador de suas próprias atitudes e opiniões. Evidentemente, o sentido da estória parece querer desagregar, diga-se de passagem, a ideia mais segura que as pessoas possuem a respeito da compreensão do mundo e da vida e por que não sobre si mesmas.

E era um revelar em favor de todos, instruía-nos de verdadeira verdade. A nós — substantes seres sub-aéreos — de cujo meio êle a si mesmo se raptara. Fato, fato, a vida se dizia, em si, impossível. Já assim me pareceu. Então, ingente, universalmente, era preciso, sem cessar, um milagre; que é o que sempre há, a fundo, de fato. De mim, não pude negar-lhe, incerta, a simpatia intelectual, a êle, abstrato — vitorioso ao anular-se — chegado ao píncaro de um axioma (ROSA, 1962, p. 140).

Pensando acerca da linha intermediária e tênue do limite que há entre a razão e a loucura, Sigmund Freud em seus textos de psicanálise afirmava ser a arte um reino intermediário entre a realidade que faz barreira ao desejo e o mundo imaginário que o realiza. Sob esse prisma, em **Luto e melancolia** (texto de 1915), versa dois assuntos que parecem sinônimos, *a priori*, mas que possuem naturezas diversas.

O luto, quando se dá, é consequência de “perda de um ente querido, à perda de uma abstração que ocupou de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante” (FREUD, 1915, edição eletrônica). Freud acreditava ainda que algumas pessoas podiam sofrer melancolia ao se exporem as mesmas influências do luto, com perturbação da autoestima. Visto que, ao completar o trabalho do luto, o ego fica novamente livre e desinibido, diferentemente, a melancolia se aproxima de uma patologia e a insatisfação com o ego equivale à ordem moral, sua característica mais marcante.

“Contudo, se nos voltarmos para o funcionamento do aparelho psíquico, saberemos que a busca de satisfação gera tensão interna, porque libera energia e esta deve ser controlada pelo aparelho” (BERLINK, 2008, p. 85). Isso explica que a vida subjetiva transcorre sob a forma de oposição à racionalidade. A personagem darandina

se encaminha para a cisão entre o desejo reprimido pelo aparelho psíquico e a sanidade, obrigatória à convivência na sociedade. O seu comportamento revela e ratifica uma velha teoria do professor Dartanhã (o filósofo): a de que quarenta por cento das pessoas da humanidade é louca reconhecida e grande parte dela poderia mesmo receber o mesmo diagnóstico.

Berlink (2008, p. 90) confirma-nos, assim como o luto, a melancolia é também reação à ausência e à perda de um objeto amado, que no caso do homem da palmeira essa perda é de outra ordem. “Eles se diferenciam pelo tempo de duração e pela presença nela da perda da autoestima (ausente nele)”. O caráter ideológico do conto é importante na medida em que busca a análise de uma consciência individual, social e cultural que permeia a fronteira entre a loucura e a sanidade.

A presença da melancolia em “Darandina” teria um caráter defensivo que leva a personagem central se distanciar do entendimento da razão, que é a loucura, pois, sente a perda da crença sobre a humanidade. Ela deixa de ser um simples humano para ser um *homem empalmeirado* quando profere aos seus espectadores: “Eu nunca me entendi por gente!...”, “Querem comer-me ainda verde?!”, e “Minha natureza não pode dar saltos?...” (ROSA, 1962, p. 139, p. 142, p. 146).

O olhar estarecido do narrador nos coloca em evidência como um cidadão consegue pôr em dúvida verdades até então não questionadas, travando uma verdadeira luta verbal acerca de conceitos como: “Viver é impossível!...” e “O amor é uma estupefação...” (ROSA, 1962, p. 140 e p. 144), os quais se confrontam com os da população, principalmente entre os homens da ciência. Ao lado do discurso do homem louco, soltas no ar, os médicos, com os pés na terra, fazem diagnósticos, os quais se tornam mais absurdos que as ditas do homem na palmeira:

— Aspecto e facies nada anormais, mesmo a forma e conteúdo da elocução a princípio denotando fundo mental razoável...

Excitação maníaca, estado demencial... Mania aguda, delirante... E o contraste não é tudo, para se acertarem os sintomas?

Psicose paranóide hebefrênica, dementia praecox, se vejo claro! [...] mas transitória perturbação, a qual, a capacidade civil, em nada lhe deixará afetada....

— “O síndrome...” — o Adalgiso observou; de nôvo nos confusionávamos. — “*Síndrome exofrênico de Bleuler...*” — pausado, exarou o Adalgiso.

Abusava de nossa paciência — um *catatônico-hebefrênico* — em estereotipia de atitude (ROSA, 1962, p. 138-147, grifos do autor).

Os médicos não sabiam o que fazer porque o paciente estava inacessível e imedicável. Fora do alcance da ciência e das taxionomias, ele se colocava fora da lógica das palavras, da própria lei, do governo e da sociedade, ou seja, sem identidade. O que se vê é uma cena inesperada: a visão de um homem despido no topo de uma palmeira em pleno sol do meio-dia, que muda a rotina de uma cidade.

Pois, de repente, sem espera, enquanto o outro perorava, ele se despia. Deu-se à luz, o fato sendo, pingo por pingo. Sôbre nós, sucessivos, esvoaçantes — paletó, cueca, calças — tudo a bandeiras despregadas. Retombando-lhe a camisa, por fim, panda, aérea, aeriforme, alva. E feito o forró! — foi — balbúrdias. Na multidão havia mulheres, velhas, moças, gritos, mouxe-trouxe, e trouxe-mouxe, desmaios. Era, no levantar os olhos, e o desrespeitável público assistia — a êle *in puris naturalibus* (ROSA, 1962, p. 145).

Diante disso, o narrador medita baseado no discurso do homem empalmeirado, como o ser humano se deixa abalar não necessariamente por conteúdos renovados, mas pela forma como eles ocorrem visto como se apresentam. Freud diria que o personagem darandina:

Dispõe de uma visão mais penetrante da verdade do que outras pessoas que não são melancólicas. Quando, em sua exacerbada autocrítica, ele se descreve como mesquinho, egoísta, desonesto, carente de independência, alguém cujo único objetivo tem sido ocultar as fraquezas de sua própria natureza, pode ser, até onde sabemos, que tenha chegado bem perto de se compreender a si mesmo; ficamos imaginando, tão-somente, por que um homem precisa adoecer para ter acesso a uma verdade dessa espécie. Com efeito, não pode haver dúvida de que todo aquele que sustenta e comunica a outros uma opinião de si mesmo como esta (opinião que Hamlet tinha a respeito tanto de si quanto de todo mundo), está doente, quer fale a verdade,

quer se mostre mais ou menos injusto para consigo mesmo. Tampouco é difícil ver que, até onde podemos julgar, não há correspondência entre o grau de autodegradação e sua real justificação (FREUD, 1915, edição eletrônica).

Para Maria Rita Kehl (2009), Freud se ocupa com o complexo melancólico, na autoacusação, na sombra do eu, na ferida aberta e na queixa, envolta de uma exagerada autocrítica. Isto o conduz ao polo complementar da melancolia que seria a mania. Pois, o eu ao vencer a batalha da consciência moral, atormentada pelo ego, sendo a mania (a euforia, a liberação das energias) o troféu sobre aquilo que estava preso. No entanto, é mais um fator somático visto que “na melancolia o ego sucumbe ao complexo, ao passo que, na mania, domina-o ou o põe de lado” (FREUD, 1915, edição eletrônica).

Para tanto, atentamo-nos que a ideia da melancolia pode ajudar a se entender e criar uma espécie de dois polos que nunca conversam sobre si, logo, a mania é tida para o sujeito melancólico um traço criador, desde a antiguidade. O que nos remete ao Problema XXX de Aristóteles (“Porque todos os homens considerados excepcionais são melancólicos?”) que, por sua vez, refere-se à ideia de que o ser melancólico é um home de gênio que possui a capacidade de enlouquecer por meio da produção poética. Isto nos lembra, conforme acredita Leyla Perrone-Moisés (2002, p. 217) “os poetas servem para abalar as certezas da ciência e para ampliar o saber do inconsciente”, e que graças a eles *entendemos que*.

Por conseguinte, o final do conto “Darandina” fica por conta de uma alienista que vê suas certezas abaladas, mesmo assim deve seguir a frivolidade do dia, de uma cidade urbana, com ordenação social, representada pela lei, pela ciência, pelo poder instituído, entre outros, mas com uma certeza indizível, a partir da mente insana do homem empalmeirado: “— A vida é constante, progressivo desconhecimento.... definiu o dr. Bilôlo” (ROSA, 1962, p. 149).

Referências

BERLINK, Luciana Chauí. **Melancolia — rastros de dor e de perda**. São Paulo: Humânicas, 2008.

FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**. Disponível em: <<https://carlosbarros666.files.wordpress.com/2010/10/lutoemelancolia1.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2015.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão — a atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo, 2009.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. **O léxico de Guimarães Rosa**. São Paulo: EDUSP, 2001. 536 p.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Para trás da serra do mim, **Scripta**, Belo Horizonte, v. 5, n. 10, p. 210-217, 1º sem. 2002.

PLIGIA, Ricardo. **Formas Breves**. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. Companhia da Letras: São Paulo, 2004.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962. 176 p.